

Corpos que não existem mais: narrativas biográficas sobre as transformações do corpo e novas formas de vida¹

Eudenia Magalhães Barros²

Resumo: Este artigo propõe apresentar reflexões sociológicas a partir de narrativas biográficas de sujeitos que tiveram seus corpos transformados devido às lesões adquiridas em um evento acidental. A pesquisa identifica que esses sujeitos criaram um discurso de sucesso vinculado à ideia de sujeito produtivo e bem-sucedido, em uma sociedade atravessada por valores da “cultura da autoajuda”. Nesse sentido, o estudo apresenta perspectivas possíveis que tensionam convicções generalistas e normatizadoras sobre os modos pelos quais os sujeitos vivenciam suas corporeidades.

Palavras-chave: Estudos sobre deficiência. Narrativas biográficas. Corporeidades. Evento crítico. Acidente.

Bodies that no longer exist: biographical narratives over body transformations and new ways of living

Abstract: *This article poses sociological reflections based on biographical narratives of subjects who had their bodies transformed due to injuries acquired through an unforeseen event. The research identifies that these subjects created successfulness oriented discourses linked to the idea of a productive and prosperous individual, in a society crossed by values of the “self-help culture”. In this sense, the study presents perspectives that tension generalist and normative beliefs about the ways in which subjects experience their corporeality.*

Keywords: *Disability studies. Biographical narratives. Corporeality. Critical event. Accident.*

Cuerpos que ya no existen: narrativas biográficas sobre transformaciones corporales y nuevas formas de vida

Resumen: Este artículo se propone presentar reflexiones sociológicas a partir de narraciones biográficas de sujetos que tuvieron su cuerpo transformado debido a lesiones adquiridas en un evento accidental. La investigación identifica que estos sujetos han creado un discurso de éxito vinculado a la idea de sujeto produtivo y exitoso, en una sociedad atravesada por valores de la “cultura de la autoayuda”. En este sentido, el estudio presenta perspectivas posibles que tensionan convicciones generalistas y normativas sobre las formas en que los sujetos experimentan sus corporalidades.

Palabras clave: Estudios sobre discapacidad. Narraciones biográficas. Corporeidades. Evento crítico. Accidente.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

2 Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) – Fortaleza – Brasil – eudenia.magalhaes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1082-763X>.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as imagens que compõem a ideia de “deficiência” têm sido redesenhadas, com destaque para perspectivas que trazem os princípios de superação, de vitória e de resiliência, pelas quais são construídos discursos que tornam os sujeitos com deficiência heróis de suas próprias histórias. Tais afirmativas se manifestam principalmente nas falas de pessoas que “se tornaram” deficientes, ou seja, que passaram a viver essa experiência em um determinado momento das suas vidas de forma imprevista.

Na produção das narrativas biográficas³, é característico que os acontecimentos da vida sejam costurados em favor de uma continuidade, com finalidades específicas que procuram justificar, em uma lógica de causalidades, episódios do cotidiano. Favorecendo a compreensão desse fenômeno social, as categorias “trajetórias”, “carreiras” e “histórias de vida” se destacam, apontando tanto a multiplicidade de usos e aplicações em pesquisas, como também a plasticidade com que esses artefatos metodológicos operam no processo de compreensão do social e suas complexidades (Reis e Barreira, 2018:14). Diante disso, é importante salientar que a produção de uma “linguagem biográfica”, ou seja, uma semântica constituída por uma roteirização dos eventos ordinários como um conjunto coeso e linear, encontra sua eficácia nas narrativas orais, bem como nas produções escritas e editadas (Ricoeur, 1997, 2007).

À vista disso, os acontecimentos inesperados que afetam as formas de estar no mundo, tratados na ocasião como “acidentes”, são eventos que desorganizam os projetos de vida, desafiam as corporeidades e são geradores de narrativas que buscam acomodar o contingencial (Das, 1995; Malabou, 2014).

O objetivo deste artigo⁴ é apresentar algumas reflexões sociológicas acerca das “narrativas da deficiência”, a partir de fragmentos biográficos de sujeitos que tiveram seus corpos transformados devido às lesões permanentes em circunstâncias imprevistas. O intuito é compreender os sentidos atribuídos às experiências que se constituem a partir de um imaginário capacitista dos corpos, tendo em vista a relação dialética entre esses discursos e as compreensões atuais da ideia de deficiência.

Com esse intuito, como *corpus* de análise, trabalhei com diferentes materiais e estratégias analíticas, com ênfase nas narrativas orais e escritas, trazendo materiais diversos de cunho biográfico e autobiográfico de pessoas acometidas por acidentes e/ou situações trágicas. Os dados escolhidos para esse artigo são referentes a uma parte das sistematizações para a pesquisa do doutorado, realizada entre os anos de 2016 e 2020. Cerca de 23 pessoas com deficiência foram entrevistadas, e 14 livros biográficos e autobiográficos analisados, dentre os quais destinei quatro narrativas para compor essa análise.

Para tratar das entrevistas que coletei por meio de encontros com interlocutores, utilizei metodologicamente a ideia de “estórias de vida” (Kofes, 1994, 2001), considerando que os momentos foram desenhados em torno da temática da deficiência, com roteiros abertos e semiabertos, cujos depoimentos foram produzidos intencionalmente destinados ao universo da pesquisa, coletados nos seus lugares de trabalho ou em locais públicos previamente acordado entre as partes. Parte do material analisado trata-se de livros biográficos publicados, sendo de autoria dos próprios sujeitos acometidos por alguma lesão permanente, entre os anos de 2010 e 2020, lançados no Brasil.

3 Discutir sobre narrativas biográficas como elementos principais de análise é considerar que, desde a década de 1980, as categorias que definem as fontes e informações biográficas ressurgem com força como método e campo analítico dentre as ciências humanas, sendo utilizadas de maneira mais expressiva nas produções acadêmicas brasileiras nos últimos dez anos (Reis e Barreira, 2018).

4 Este artigo é resultado da pesquisa de doutorado, realizada entre os anos de 2016 e 2021. Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Fábio Paiva, por todo apoio e ensinamento em todo o processo de realização da tese.

Esse trabalho foi nortado por algumas questões relevantes para os estudos das representações sociais da deficiência, tais como: quais narrativas biográficas compõem um evento inesperado que vem a transformar corpos? Como essas experiências revelam não apenas outras formas de vida, mas diferentes maneiras de reinvenção da percepção de si?

Neste artigo, apresento algumas narrativas orais e escritas de pessoas que vivem atualmente a experiência da deficiência, elencando reflexões sociológicas sobre como o evento crítico do acidente incide novas compreensões sobre o “eu”, de sujeitos que outrora estavam alheios a essa corporeidade. Em seguida, realizo uma análise das formas pelas quais as narrativas biográficas dos sujeitos apresentam suas experiências, a partir de discursos que constituem, e ao mesmo tempo são constituídos, por um processo de reflexividade envolta de uma gramática da superação. Ademais, destaco a construção narrativa pela busca da autonomia como estratégia de ressignificar a tragédia em oportunidade de ganhos pessoais, que coaduna com elementos da cultura da autoajuda ao rechaçar o compadecimento social e individualizar o destino diante do corpo que não existe mais.

Objeto biográficos: experiências escritas e narradas como campo e método de pesquisa sociológica

O conjunto de elementos empíricos dessa pesquisa é composto pelo que chamo aqui analiticamente de “fragmentos biográficos”, categoria imaginada para reunir um conjunto de informações de cunho biográfico que foram encontradas de forma heterogênea: as entrevistas semiestruturadas, os livros biográficos e autobiográficos, bem como matérias jornalísticas e mídias diversas formam o conjunto de histórias e narrativas de vidas convidadas a essa discussão. Ao acessar essas experiências por meio de diversas formas, construí um mosaico de possibilidades que me permitem acessar memórias de um corpo que não mais existe, pelas quais os sujeitos narram os seus traumas diante do inesperado, e os modos como tiveram que transitar de uma corporeidade à outra.

Diante dos dados consolidados, trouxe para este artigo duas obras brasileiras, de cunho autobiográfico, do cearense Márcio Vaz e do paulista Pedro Pimenta. Levo em consideração que esse material é um dos caminhos possíveis para compreender como os discursos que foram escolhidos e editados configuram narrativas de suas vidas, e também influenciam seus leitores a uma trajetória de sucesso e inspirações para quem vive experiências semelhantes. Além disso, também ressalto neste artigo os depoimentos de interlocutores com os quais tive oportunidade de conversar pessoalmente, na cidade de Fortaleza - CE. Esses interlocutores narram sobre aspectos das suas rotinas antes e depois dos eventos acidentais, e suas experiências recentes com os seus novos corpos.

No campo da deficiência, as biografias consagradas de sujeitos que trazem em seus corpos marcas estigmatizadoras, como a clássica obra de Hellen Keller⁵, proporcionam discussões importantes sobre as capturas da intimidade, e as permissões concedidas pelos protagonistas na constituição de seus testemunhos. Logo no início da sua autobiografia, a autora comenta que os fatos e as fantasias, com o passar dos anos, parecem se emaranhar, funcionando como uma espécie de elo entre o passado e o presente, e esse é um desafio percebido no ato da narrativa do eu. Os detalhes dos acontecimentos são esquecidos, e muitos fatos perdem sua pungência, sendo substituídos por excitações das conquistas nos processos resilientes do corpo e da mente. A autoria permite escolher quais episódios são suficientemente relevantes para consistir na narrativa a ser disseminada para o público.

O processo de construção da narrativa do eu a partir das experiências vivenciadas e reescritas nas memórias é elaborado a partir de uma necessidade de comunicar ao outro e, ao mesmo tempo, reorganizar e recriar o vivido. Paul Ricoeur (1997, 2007) nos dá pistas para compreender que esses eventos ficcionais que ligam o presente com o passado, como mencionado por Keller, na realidade são

5 Helen Keller, *Story of My Life*, 1903.

estratégias que fazem parte de uma “identidade narrativa”, em que o sujeito cria um “terceiro-tempo” que se estabelece por meio de um entrecruzamento entre o intuito de contar os eventos da vida e a quimera do tempo.

Dito isso, compreendendo que as identidades narrativas de sujeitos atravessados por situações traumáticas produzem discursos sobre suas novas corporeidades implicados em um conjunto de normas morais condicionadoras (Butler, 2015:18). Para tanto, selecionei os livros que, dentre o acervo analisado, trouxeram elementos mais evidentes para discutir os elementos da cultura da autoajuda nas narrativas da deficiência, sem, no entanto, reduzir toda escrita biográfica de pessoas com deficiência a esse universo.

Dos livros analisados, um deles é o de Márcio Vaz (2016), “Minha boca, meu caminhar: transformando desafios em oportunidades”. Conheci Márcio pessoalmente, ocasião em que adquiri seu livro com seu cuidador, e mantivemos conversas esporádicas por redes sociais. Ele é um homem que possui tetraplegia desde os 22 anos, após sofrer um acidente ao mergulhar em águas rasas. Filho de família da classe média fortalezense, cujo pai era executivo e sua mãe, professora. Como ele mesmo comenta, logo no início do seu livro, “vivíamos em condições privilegiadas, tendo em vista a realidade social da grande maioria” (Vaz, 2016: 17). Atualmente, aos 42 anos, formado em Psicologia, é uma figura conhecida na cidade por ministrar palestras motivacionais, principalmente em ambientes corporativos ou eventos relacionados. Nas suas comunicações, diversos elementos da sua trajetória de vida são ressaltados como ponto de partida para seus ensinamentos, utilizando-se como referência na construção dos seus discursos morais.

Seu livro é organizado em uma perspectiva semelhante; escrito por ele, com o auxílio de uma caneta adaptada, para pessoas tetraplégicas conseguirem digitar em um computador, o livro é organizado por assuntos, tais como carreira profissional, sexualidade e espiritualidade, tratados em dezoito capítulos sobre suas percepções e experiências de acordo com essas temáticas que são de grande impacto na sua vida, após o acidente. Em cada capítulo descreve, em meio às diversas mensagens de “lições de vida”, as suas estratégias para lidar com a rotina, logo após os primeiros dias enquanto cadeirante. O livro também conta com diversas fotografias, que apresenta os personagens que fizeram e ainda fazem parte da sua trajetória

Outra biografia que considero importante para as questões deste artigo é a de Pedro Pimenta. Sua trajetória escrita é autobiográfica, e foi produzida 4 anos após o seu “acidente”. Em 2009, quando ele tinha 18 anos, foi levado ao hospital com urgência, após ter sofrido forte vertigem e desmaiar. Sua cunhada, então estudante de Medicina, supôs a gravidade da situação ao perceber que seus braços e pernas estavam com cor azulada. Já no hospital, diagnosticaram Pedro com uma infecção a partir de uma variante da meningite, só que mais violenta, que se espalhou por sua corrente sanguínea e afetou seus membros. A solução encontrada para salvá-lo da morte foi a amputação dos seus dois braços e das suas pernas.

Nas redes sociais, Pedro elabora conteúdos sobre seu cotidiano, expondo como um jovem tetra-amputado consegue morar sozinho e ter sua autonomia, realizando atividades como comer com o uso de talheres e se barbear, e também fornece consultoria sobre próteses. Nas postagens fixadas no seu perfil, o livro aparece como um tutorial da sua história, uma carta de apresentação para quem acabou de chegar e gostaria de conhecê-lo melhor. Segundo ele mesmo descreve no início da sua biografia, o objetivo da obra é

[...]contar a minha história de vida: como um garoto paulistano de classe média, que como tantos outros ainda não tinha definido a carreira a seguir, sofreu uma terrível fatalidade, aprendeu a encarar as consequências e se tornou um homem que supera suas dificuldades com determinação e trabalho duro (Pimenta, 2014:16).

Pedro narra em todo o livro o desejo de não precisar mais utilizar a cadeira de rodas, e viajou para fora do país na busca por exemplos de pessoas tetra-amputadas que conseguiram conquistar sua autonomia por meio de próteses. Pesquisou por essas histórias pela internet, até encontrar vídeos de duas pessoas utilizando próteses, e pesquisou a empresa que desenvolvia aquele tipo específico. A empresa americana Hanger, especializada em desenvolver próteses e órteses, foi o principal destino que Pedro escolheu para realizar e vivenciar novas experiências; investiu tanto que, atualmente, é considerado caso de sucesso e ministra palestras contando sua história junto às suas próteses.

Ao passo que ia conhecendo certa produção literária sobre deficiência dos últimos anos, simultaneamente, fui estabelecendo uma rede de contatos com instituições fisioterápicas e desportivas, voltadas para sujeitos com deficiência física, na cidade de Fortaleza - CE. Por meio dessa rede, conheci alguns atletas com deficiência da Associação Deficiência Superando Limites (ADESUL)⁶, e por meio de indicações, fui construindo a amostragem que compôs a pesquisa doutoral.

Na ocasião das entrevistas, percebia que embora as histórias de superação e vitória fossem recorrentes e tivessem pontos em comum com as biografias escritas, alguns discursos se construam de maneiras difusas e não lineares, característicos dos momentos de interação face a face, em que outros elementos entram em jogo na relação entre pesquisador e interlocutor (Butler, 2015)⁷. A partir disso, outras portas de compreensão foram abertas para perceber que, mesmo que esses sujeitos tivessem passado por experiências semelhantes de transformação do corpo, as trajetórias da deficiência são atravessadas e narradas também por recortes de gênero, raça e classe social. A interseccionalidade⁸ é um aspecto importante pra compreender as narrativas desses sujeitos, aliada à compreensão de “estórias de vida” que Kofes (1994, 2001) apresenta em suas pesquisas biográficas⁹.

Um dos primeiros interlocutores da pesquisa foi um homem chamado Freitas, que conheci em 2016, por indicação de um amigo em comum. Quando eu o encontrava em uma academia esportiva situada em um bairro da periferia, tínhamos cerca de uma hora de conversa antes de ele iniciar seus treinos em Tênis de Mesa adaptado, que aconteciam três vezes por semana. Naquela época, por volta de 2017, ele tinha 39 anos, e já colecionava diversas medalhas da modalidade, viajando, com certa frequência, para participar de campeonatos nacionais e internacionais. Filho do meio de uma família de servidores do estado, cujo pai era policial e a mãe agente de um posto de saúde, contou-me que, com muito esforço financeiro dos pais, foi estudante de escola particular e educado dentro de premissas religiosas do catolicismo.

6 A ADESUL é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 2009, sustentada por doações de empresas ou pessoas comuns, por meio de patrocínios e de pedágios feitos pelos próprios integrantes do time, que não recebem nenhum salário para jogar e, também, não precisam pagar para participar. Disponível em: <https://adesulbcr.com.br/#quemsomos>. Acesso em: 4 de abril de 2020.

7 Como afirma a autora, “O sujeito sempre faz um relato de si mesmo para o outro, seja inventado, seja existente, e o outro estabelece a cena de interpelação como uma relação ética mais primária do que o esforço reflexivo que o sujeito faz para relatar a si mesmo”(Butler 2015:33).

8 Kimberlé Crenshaw, importante teórica do feminismo negro, conceitua a expressão “interseccionalidade” para trabalhar as interações de marcadores sociais de exclusão e subordinação, e as possibilidades de discutir o racismo, o patriarcado e as opressões de classe como dinâmicas de discriminação complexas e violentas (Crenshaw, 2002).

9 Segundo a antropóloga, algumas características ajudam a desenhar e entender que eles seriam: 1º) de relatos motivados pelo pesquisador e implicando sua presença como ouvinte e interlocutor 2º) de um material restrito à situação de entrevista. Isto é, considerarei apenas o que foi narrado ao pesquisador pelo entrevistado sem a complementação de outras fontes; 3º) daquela parcela da vida do sujeito que diz respeito ao tema da pesquisa, sem esgotar as várias facetas de uma biografia (KOFES, 1994: p. 118).

Freitas se casou jovem, e hoje possui uma filha de 16 anos. Em 2004, ele foi diagnosticado tardiamente com uma doença degenerativa, quando tinha 26 anos. Esse atraso culminou na perda da mobilidade de suas pernas. Segundo o diagnóstico médico, ele possui “paraparesia”, mas em sua narrativa ele afirma que não “é”, mas “encontra-se” cadeirante, pois, de acordo com sua perspectiva, seria uma condição reversível devido ao seu quadro evolutivo de melhora, e por isso ele não se coloca como uma pessoa com deficiência, mas que “está” com uma deficiência, marcando temporalmente uma condição física de lesão, porém, não definitiva. Após o seu “acidente”, e por influência da sua esposa, converteu-se ao protestantismo e participa de comunidades religiosas, próximas à sua casa.

Freitas enfatizava na construção de suas narrativas uma “fase boa” da qual estaria fazendo parte no momento, e que diz respeito sobretudo ao seu envolvimento nas práticas esportivas. Antes de se tornar cadeirante, ele jogava futebol com os amigos, pois sempre foi “apaixonado por esportes”. Já fez parte da Seleção Cearense de Futsal, Seleção Cearense de Vôlei, e da Seleção Cearense de Basquete. Percebi que seu envolvimento com as atividades esportivas dizia muito sobre suas responsabilidades quando jovem, cumprindo um intenso ritmo de treinos e mantendo uma rotina rígida, priorizando essa atividade no cotidiano. A relação com o esporte é algo que aproxima o Freitas do passado com o do presente, agora bem-sucedido, mas que desde a juventude já indicava que essa seria uma carreira promissora a seguir.

A partir da rede de atletas, também pude ter acesso ao depoimento de Rafaela, uma mulher amputada, negra, e moradora de um bairro periférico de Fortaleza. Ela é mãe e atleta, tem 28 anos, e iniciou a prática do atletismo e basquete pela ADESUL após ter parte da sua perna esquerda amputada. Nunca trabalhou em regime de carteira assinada; aos 12 anos, começou a tirar “ponta de linha” em confecções de costura, e quando completou 16 anos, foi trabalhar em “casas de família”. Voltou a trabalhar como auxiliar de confecção, fazendo manutenção nas máquinas, aos 22 anos.

Em 2016, quando tinha 23 anos, começou a sentir fortes dores no joelho, deixando-a impossibilitada de andar com facilidade, e pediu para sair do emprego. Contou que passava dias chorando em casa, deitada na cama, e percebeu que estava ficando deprimida. Nessa época, ela morava com um rapaz, com quem já se relacionava há seis anos, vindo a ter um filho com ele posteriormente.

Quando descobriu o câncer, tinha acabado de se separar; “Eu me separei no dia 6 de agosto e no dia 30 eu descobri que estava com câncer, entendeu? E depois, dia 5 de setembro, comecei a quimio”. No período do tratamento, o médico que cuidava do seu diagnóstico lhe avisou da necessidade da amputação, e assim o fez em um procedimento cirúrgico. Com a ajuda da mãe, Rafaela precisou adequar sua rotina, ainda na cadeira de rodas, para só recentemente conseguir a doação de uma prótese, e ampliar sua autonomia.

Por meio dos depoimentos e escritos dos interlocutores mencionados, é possível perceber que a temática da deficiência, pautada propositalmente devido aos interesses de pesquisa, não consegue delinear com exclusividade a vastidão das experiências não mencionadas e inesgotáveis desses sujeitos. De todo modo, a partir das múltiplas discursividades e possibilidade de análise, delimito como eixo importante a elaboração narrativa do evento do acidente na busca pela construção de uma nova corporeidade.

O evento crítico do “acidente” e a produção de narrativas deficientes

Para essa análise, realizei diálogos com os *disability studies* a partir de uma sociologia compreensiva e fenomenológica, no intuito de entender os elementos nos quais os sujeitos se apoiaram para reinventar suas histórias de vida, construindo expectativas em torno da ideia de superação, discurso tido como eficaz no senso comum sobre os desafios de pessoas que se tornam deficientes quando adolescentes ou adultos.

Nesse instante, é oportuno delimitar como a categoria “deficiência” é discutida neste trabalho, considerando seu caráter multidimensional e polissêmico, que trata não apenas sobre modos de vida, mas também sobre campo de saberes e políticas da existência humana.

Apoiada na percepção das principais referências dos estudos sobre deficiência no Brasil (Barbosa, Diniz, e Santos 2009; 2010; Diniz, 2007; Mello, 2010), compreendo as dinâmicas sociais e culturais como ponto de partida para discutir as corporeidades possíveis, sem subestimar, no entanto, as relações intersubjetivas e os discursos do “eu” como elementos potencializadores das transformações das normatividades acerca dos sujeitos sociais.

Após quase quarenta anos em que Mike Oliver apresentou os “modelos individuais e sociais” da deficiência (Oliver, 1983), diversos desdobramentos analíticos foram realizados, considerando outras epistemologias e interligando demais marcadores sociais na compreensão sobre o fenômeno social da deficiência (Barnes, 1997; Hall, 2011; Kafer, 2013; McRuer, 2006). Perspectivas estas que ocupam uma posição relevante na construção de políticas públicas e lutas por reconhecimento de pessoas que nascem ou que “se tornam” deficientes. Os diversos grupos sociais que compartilham um tipo de opressão que despreza a existências de seus corpos, e que possuem o interesse em poder ver suas vidas como reflexos de existências possíveis que transbordam as padronizações corpóreas, geram potentes reflexões para entendermos que além das dicotomias entre o que se configura como “normal” ou “patológico”, diversos corpos escapam e produzem sentido (Allbrecht, 2001; Gavério, 2015; Mello 2009; Shakespeare, 1996; Zola, 1989).

Considerando que os interlocutores com quem dialoguei não necessariamente pertenciam ativamente de movimentos sociais de pessoas com deficiência, ou ainda estavam conhecendo esse universo à medida que seus modos de vida estavam em constante processo de adaptação, maneiras diversas de narrar esses corpos apareceriam nas nossas conversas. Ao invés de discutir sobre “ser” uma pessoa com deficiência, diálogos abrem margem para uma condição processual, para um “estar” deficiente. Nesse aspecto, as fixidades sobre as disputas identitárias podem ser rediscutidas, a partir da perspectiva *crip* que nos ajuda a compreender como o “corpo aleijado” está em constante disputa política numa sociedade feita para “capacitados” (Gavério, 2017; Kafer, 2013; McRuer, 2006).

Para compreender os elementos discursivos que surgiram nessas “narrativas deficientes”, utilizei a categoria “acidente” a partir da interpretação de Catherine Malabou (2014), indo além da ideia de algo que ocorre de modo fortuito e inesperado, encerrando-se em si mesmo. Pelo contrário: com falsa impressão de efemeridade, o evento acidental causará impactos permanentes de diferentes formas e intensidades para os sujeitos envolvidos direta e indiretamente na ocasião; marcará profundamente as suas memórias, renascidas inúmeras vezes ao longo da vida.

O evento do acidente pode possuir múltiplas temporalidades, ocorrendo em fração de segundos ou por decursos de situações distintas; no entanto é um acontecimento que atravessa e reconstrói narrativas biográficas, distinguindo trajetórias e bifurcando projetos individuais (Velho, 2013)¹⁰. Tal como uma analogia ao corpo que envelheceu precocemente, um acontecimento imprevisto e radical causa diversas irrupções, e a partir delas não se torna possível enxergar a metamorfose natural do corpo de forma processual; sem nenhum intermédio para essa transformação, o corpo salta de uma fase a outra. De forma súbita, sem a erosão do tempo, encontramos um outro corpo; é como uma antecipação de si mesmo, em sua forma mais brutal (Malabou, 2014:47–48).

Nas obras analisadas, esse sobressalto do destino é expresso como marcos temporais das suas trajetórias. Sinalizou Márcio Vaz, em um trecho da sua biografia que “O fato é que, por mais que a gente programe a nossa vida, a qualquer momento, tudo pode mudar” (Vaz 2016:22). Fui encontrando nes-

10 Para dialogar com a noção de “acidente” de Malabou, trago a noção de “projetos individuais”, elaborada por Gilberto Velho para discutir sobre o campo de possibilidades em volta das transformações advindas desse evento, em que o antropólogo detalha: “Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir das premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios.” (VELHO, 2013, p. 137).

sas narrativas, partindo da compreensão sobre o “acidente” como um evento marcante, que altera repentinamente os corpos e os projetos de vida, ocorrendo de forma não autorizada pelos sujeitos. Isso concede o caráter invasivo e transgressor do evento do acidente. A forma abrupta como acontecem as mudanças – tanto em seus corpos como em suas rotinas – apresenta diversos aspectos simbólicos a partir de um marco autêntico de reinvenção de si.

Repleto de detalhes, as narrativas desses sujeitos passam a ser também oportunidades de relatarmos essas experiências com mais intensidade e ênfase nas novas práticas aprendidas com o passar do tempo. Sobretudo nos registros escritos, as descrições técnicas das lesões advindas dos saberes biomédicos evidenciam um conhecimento adquirido após o seu acidente, considerando que esses interlocutores não tinham envolvimento prévio com outras pessoas que vivenciaram experiências similares.

Dentre os relatos, é possível perceber que, em certa medida, os sujeitos contrastam e polarizam as perspectivas entre uma aparentemente estabilidade de suas vidas, descrevendo-as como histórias comuns e até mesmo triviais, o aspecto inusitado do acidente e suas transformações implicadas. As expressões de aflição e angústia sobre os momentos exatos em que acontecem os acidentes narram uma virada traumática e sensível nas suas trajetórias e de seus familiares. Os sujeitos se percebem a partir de novas formas de interdependência, vulnerabilidade e dor (Butler, 2016).

As consequências de um acontecimento inesperado, resultado de contingências, bifurcam projetos individuais, e um novo “eu” que, sem precedente e irreconhecível, coabita com o antigo, passa a ganhar cada vez mais possibilidade de existência (Malabou, 2014). A partir disso, em temporalidades e intensidades diversas, os processos de reconhecimento com os novos modos de viver são elaborados pelos sujeitos tendo como desenho distintivo as causas da sua condição atual.

Nesse sentido, trato a ideia do acidente como um “evento crítico”, a partir do conceito elaborado por Veena Das (1995)¹¹, que informa sobre acontecimentos que provocam rupturas e descontinuidades que causam impactos sociais e culturais, marcando as memórias individuais e coletivas. O caráter multidimensional dessa categoria, ressaltado pela autora no intuito de tornar evidente uma configuração específica de relações entre as instituições envolvidas no evento, permite que os diversos tipos de experiências dos sujeitos sociais incorporados nesse contexto possam ser compreendidos a partir de uma semântica compartilhada. Apesar do caráter excepcional do evento, ele só se torna inteligível na medida em que as categorias culturais forem acionadas pelos sujeitos que o interpretam. Essas gramáticas interpretativas não privam os indivíduos da agência transformadora da realidade. Como afirma a antropóloga, as possibilidades de transformações das visões do mundo seriam, inclusive, “através das falhas da gramática do ordinário” (Das, 2007:7)¹².

Quando passamos a compreender as outras narrativas sobre os corpos que foram transformados, para além da gramática normativa que os lê a partir da perspectiva da doença e da incapacidade, abrimos espaço para a crítica à concepção tutelar que existe em relação a esses sujeitos. As rupturas acontecem tanto na gramática da incapacidade, que delegaria ao sujeito uma imagem de comiseração, como também na gramática da superação, que lhe interdita a necessidade de sofrer.

Ao mobilizar a ideia de evento crítico para compreender os “acidentes”, concordo que o grau de relevância e a dimensão do real impacto do que acontece com os sujeitos envolvidos no acidente tem uma potência transformadora da realidade. Esse acontecimento, que ultrapassa a fração do momento em que ocorre a lesão, desencadeia um processo pelo qual o sujeito vivenciará a busca por novas maneiras de existir no mundo e novas noções sobre o seu corpo, bem como o significado da sua existência pelo outro. Esse acontecimento violento não afeta apenas o corpo biológico, atingindo também a esfera

11 A antropóloga analisa como a violência social suscita pontos fundamentais nas experiências daqueles que são expostos a uma situação traumática, e traduz esse tipo de cenário provocador na ideia de *critical events*, analisando as relações conflitantes entre o Estado e as comunidades políticas da Índia contemporânea (Das 1995).

12 Tradução livre de “[...] [the] boundaries between the ordinary and the eventful are drawn in terms of the failure of the grammar of the ordinary.” (DAS, 2007: 7).

cognitiva e simbólica, redefinindo performances e disposições do sujeito e sua percepção de si. Isso pode ser percebido em uma das entrevistas que tive com Freitas, quando comenta que “deixou de ser alguém comum para ser especial”; a partir disso, fui entendendo que a centralidade narrativa desse evento é uma matriz geradora de novas formas de existência.

Desse modo, o acidente descreve um abalo que ultrapassa o âmbito privado, atravessando as relações intersubjetivas. Compreendido nessa leitura de forma dilatada, em sua severidade e complexa amplitude temporal, esse evento produz novas condições a uma outra vida e a outros os comportamentos possíveis em torno desse novo corpo-sujeito que passou subitamente a ser real. Ao perceber essas rupturas por meio da noção de “evento crítico”, entendo que acontecimentos fortuitos do corpo rompem com estruturas do cotidiano anterior, e propicia terreno fecundo para novas categorias e práticas sociais, remodelando as rotinas dos indivíduos que vivem situações traumáticas a partir dos acidentes. Além disso, a busca dos sentidos das situações excepcionais no cotidiano desses sujeitos envolve gramáticas e corporeidades disponíveis a partir de onde estão inseridos e localizados socialmente.

É importante perceber que as marginalizações produzidas socialmente contra os corpos deficientes, também produzem um conjunto de narrativas que valorizam os aspectos tidos como “tragédias sociais” e “vitórias pessoais”, como por exemplo, discursos que se tornam premissas para uma autorresponsabilização dos eventos inesperados do cotidiano, e arquétipos utilizados para incentivar a sociedade “não deficiente” demonstrando a “superação de si mesmo”. Frente à uma busca por redesenhar as suas próprias histórias de vida, as contingências acabam sendo transformadas em objetos de conquista, justificativa para uma nova vida, oportunidade de melhores condições profissionais, que busca recuperar uma imagem de autonomia e capacidade, em uma sociedade fundamentalmente produtivista.

Reescrever a história: estratégias narrativas para as novas corporeidades

Dentre os depoimentos que se desenharam em torno da temática da deficiência, identifiquei que as ideias da superação e do sucesso individual fundamentavam as narrativas da transformação dos seus corpos. Tais noções legitimavam a experiência com essa nova corporeidade e como ela fora vivenciada, visando um processo de reencontro com a vida a partir de novas formas de reintegração social a partir das conquistas pessoais.

Em tempos em que a esfera privada é publicizada a partir de alta exposição do cotidiano por meio das redes sociais, despertando a curiosidade e o hábito para acompanhar as formas de se viver o cotidiano em sua minúcia, as histórias do “eu” são utilizadas como estratégias discursivas para produzir novas compreensões de mundo e formas de experienciar os eventos inesperados. Os depoimentos e biografias que pude ter acesso apresentavam, de um modo geral, noções de sucesso pessoal entrelaçada às dinâmicas das experiências, após seus eventos acidentais, que culminaram na transformação de seus corpos.

Os elementos de uma ética atrelada à modernidade sobre o ato de narrar a própria vida também se fazem presentes na construção desses enredos, bem como os usos da categoria “deficiência” que trazem a perspectiva de um “corpo saudável”. Essa perspectiva só é possível a partir das técnicas biomédicas e do avanço da ciência na busca por dizer e reabilitar o corpo que outrora seria descartado. A reconstrução desse corpo, e até mesmo seu desaparecimento são celebrados a partir de uma compreensão moderna sobre as fragilidades corpóreas e suas vulnerabilidades, em que o corpo é criticado por suas imperfeições.¹³ À medida que os sujeitos de direito surgem, e disputam suas formas de narrar a si

13 De acordo com Le Breton, para algumas correntes biomédicas, o corpo é reduzido por uma imagem de finitude e imperfeição, sendo substituído por artefatos da genética, robótica ou informática. Surge um tempo “pós-biológico”, “pós-orgânico”, na busca incessante por remodelar, “imaterializar” e controlar a vida (LE BRETON, 2003:16-17).

mesmo, essas construções narrativas surgem repletas de contradições, tendo em vista que as relações sociais e culturais diante desse corpo anômalo promove hierarquizações entre corpos, distinguindo os privilegiados e excluindo os diferentes.

Considerando essas questões, ao passo que é possível encontrar narrativas que se utilizam das conquistas do corpo como exemplos de superação e vitória individuais, também é percebido que “estar em situação de deficiência” já seria em si a mudança de vida necessária para se alcançar carreiras profissionais e morais que antes não seriam possíveis. Dito de outro modo, é como se “adquirir uma deficiência” se vinculasse tanto a uma condição que precisa ser superada e reabilitada, mas que, ao mesmo tempo, também pode ser uma chance para alcançar novas oportunidades que eventualmente surgem a partir dessa nova condição, sobretudo para pessoas que já ocupam uma posição social privilegiada na sociedade. Por isso, em algumas narrativas, “alcançar o sucesso” se apresentava como um caminho a ser percorrido; a aceitação da nova corporeidade significaria, portanto, uma vitória sobre o acaso.

Diante disso, o discurso do sucesso aparece, em certo sentido, como estratégia de transformar a tragédia em ganhos pessoais. As perdas acabam sendo compensatórias, no sentido de que é significada como incentivo e oportunidade para readequar os projetos de vida, (re)encontrar (novos) sentidos e novas formas de existir. Percebi essa estratégia discursiva na fala de Rafaela, quando ela me disse que, por meio dos esportes para amputados e cadeirantes, alcançou objetivos que não imaginava até então:

[Quando] eu conheci mesmo o basquete, pessoalmente, eu me senti outra Rafaela. Ali eu me senti naquela cadeira comecei a praticar, tocar a cadeira, tocar a bola... para mim foi uma coisa mais que uma terapia. [...] Às vezes, a gente viaja, nunca viajei assim de avião. [...] já é a segunda vez. No ano passado eu fui e esse ano de novo. E o atletismo, também conheci o atletismo, pratiquei sentada, treinando, e agora “tô” em pé. Agora “tô” mais firme, “tô” em pé. Vamos viajar, agora em março, e assim para mim, sabe, fazer o que eu faço hoje eu gosto, eu amo.

Por meio de elementos que acabam recorrendo ao universo da “autoajuda”, nos é apresentado um tipo de leitura sobre o controle da vida e das experiências humanas. Nessa pesquisa, as características são explicitadas nos depoimentos e narrativas, mas principalmente nas biografias e autobiografias que recorrem a uma linguagem da superação e a vitória pessoal, valendo-se da gramática desse pensamento.

Podemos compreender o ato narrativo como uma espécie de intervenção corretiva do passado, e não apenas uma crônica dos eventos (Giddens, 2002:72). Nessas experiências narradas, compostas por momentos de clímax, suspense, além de momentos de sofrimento e dor, diversos subterfúgios produzem – e são produzidos por – uma concepção individualizada tanto da tragédia como da superação. Por meio dos processos de readaptação à vida social, mensagens que ensinam outras pessoas a compreenderem a complexidade de suas existências e acreditarem nas suas capacidades é uma forma de expressar a necessidade que há de se fazer sujeito e pessoa, diante um processo constante de subalternização das subjetividades dos sujeitos que compartilham da experiência da deficiência.

A autobiografia do Márcio Vaz, no qual o título já expressa elementos que correspondem ao léxico da superação: “Minha boca, meu caminhar: transformando desafios em oportunidades” foi escrito 15 anos após o acidente que sofreu ao mergulhar em águas rasas e ficar tetraplégico. Ao narrar seu percurso de superação, Márcio se vale de frases motivacionais, máximas, bem como de sarcasmos e piadas de duplo sentido para descrever como se tornou um psicólogo, palestrante e *coach*.

Transitando entre um léxico religioso e de autoajuda, frases como “Quem só se identifica com os problemas deixa de perceber as soluções (Vaz, 2016: 73)”, Quem quer faz, não espera acontecer (*idem*: 85); “A vida é fácil, o ser humano é que insiste em dificultá-la” (*idem*: 48), Márcio se descreve como alguém confiante e motivado no projeto de transformar sua realidade. Em praticamente todo o livro, há alguma “lição de vida” ou “moral” que é deixada para o leitor, que utiliza como exemplo sua trajetória. Sem se apegar à cronologia dos eventos, Márcio organiza os capítulos em áreas que quer expor da sua vida (vida profissional, espiritual e sexual, por exemplo) para então passar um ensinamento sobre como lidar com as dificuldades da vida.

Na busca por elaborar uma história tendo como ponto de partida o evento do acidente e suas consequências, acho oportuno destacar que Márcio se inspira em um tipo de narrativa desenvolvida em “Feliz Ano Velho”, de Marcelo Rubens Paiva (1982), um livro considerado clássico da literatura sobre “biografias deficientes”, evidenciando que há um mercado editorial que produz enredos que inspiram na construção dessas novas identidades discursivas.

Apesar de Márcio citá-lo no texto diretamente apenas uma vez, é interessante como as narrativas se aproximam não com relação a sua estrutura ou exclusivamente sobre o enredo de dois homens jovens que se tornam tetraplégicos, mas sobretudo com relação aos usos de dispositivos do sarcasmo e do humor para discorrer sobre a temática do trauma e da deficiência. A frase “Não sou um herói, sou apenas um sobrevivente” é o trecho que Márcio traz da biografia de Marcelo Paiva, em que logo em seguida explica

O que trago como proposta não são fórmulas milagrosas de sucesso; apenas esperança e reflexão sobre o ser de habilidades e vocações que cada um de nós é. [...] Não existem características que garantam sucesso; existem combinações, ocasiões e atividades específicas que se adequam ao seu modo de ser e existir (Vaz, 2016:66).

A partir do momento em que Márcio “acorda do seu tempo perdido” (Vaz, 2016:225), ou seja, supera o seu luto após o evento crítico do acidente, ele aceita as sugestões de amigos de escrever um livro sobre sua história. Ele menciona o projeto do livro e do lançamento do seu site como uma oportunidade que ele mesmo “criou”, a partir de sua “visão empreendedora de ser escritor”. Os obstáculos que apareceram na sua vida serviram como brechas para realizar seus desejos, pois compreendia que suas conquistas dependiam apenas de si mesmo.

[...] quando uma tragédia acontece, em vez de eu perder tempo questionando ou reclamando o porquê de nada dar certo, aproveito a crise para trabalhar em cima do que vai bem, consciente de que, se quero sair do abismo, tenho que promover a minha escalada (Vaz, 2016:230).

Márcio prefere que seu livro não seja rotulado como sendo de autoajuda, afirmando que “a intenção não é essa, porém, se ajudar, que bom!” (Vaz, 2016: 236) e que “não sou modelo de boa conduta nem meu livro é de autoajuda; trata-se de uma autobiografia e, como tal, requer transparência para não se tornar artificial” (Vaz, 2016:309). No entanto, em outras dezenas de passagens ele conduz sua narrativa para culminar em algum ensinamento, e ele mesmo fala que, apesar do humor, “trago lições sérias de vida” (Vaz, 2016; 237). Também cita a influência de livros de Augusto Cury¹⁴, como importantes para seguir carreira da área da Psicologia.

É interessante perceber que por “ganhos” e “conquistas” são compreendidos os aprendizados, a partir das novas experiências, atreladas ao novo corpo que surge como primeiro desafio a ser superado, as mudanças que “fazem o sujeito ser melhor”, e as mobilidades alcançadas por meio das novas profissões desenvolvidas. Nas entrevistas que realizei com Freitas, ele enfatizava que sua nova condição o fez conquistar lugares que não imaginava antes, e em uma dessas ocasiões, me disse que “entrou no hospital achando que sua vida tinha acabado, e tudo caminhava pra isso” e saiu de lá “erguido, com uma nova vida, como se tivesse entrado numa máquina do tempo”.

A partir de um *ethos* narrativo sobre esse corpo que se transformou, pude perceber que as experiências posteriores ao acidente são redimensionadas para significarem esforços de existência que até então não eram necessários. As primeiras tentativas de comer, tomar banho, falar, ouvir, cada vez

14 Autor brasileiro com mais livros vendidos na década de 2020, Augusto Cury é psiquiatra, pesquisador e escritor. Influente na área da autoajuda, não gosta de ter suas obras intituladas nessa categoria. Segundo seu site, “Seus livros são publicados em mais de 70 países, e ele já vendeu mais de 30 milhões de livros somente no Brasil. O *best-seller* “O Vendedor de Sonhos” (2008) se tornou um filme e foi lançado nos cinemas em 2016.” É autor das obras “Você é insubstituível” (2002), “Nunca desista de seus sonhos” (2004), “O semeador de ideias” (2010), “Seja líder de si mesmo” (2012), dentre outros. Disponível em: <https://augustocury.com.br/>

menos com o auxílio de intervenções externas ao próprio corpo, são enumeradas como vitórias e são incorporadas no discurso de superação. As práticas atualizadas desse novo corpo, que busca recuperar também a sua autonomia¹⁵, tanto das máquinas quanto dos outros, apoiam-se nas periódicas mudanças que as fases de reabilitação apresentam. Dentre essas narrativas, talvez, a maior das conquistas que é orgulhosamente descrita, e se configura como um marcador temporal para uma outra forma de vida, é a vitória contra a morte.

Pedro narra esse reconhecimento cotidiano a partir do que os outros lhes comentam, sobre uma existência como referência de superação por si. O “ato milagroso” de viver já configura uma superação, tal como ele menciona sobre suas tarefas cotidianas, e seus maiores objetivos giram em torno de uma maior autonomia em realizá-las.

O livro de Pedro Pimenta (2014), “Superar é Viver: enxergar os seus limites é diferente de aceitá-los”, foi lançado cinco anos após seu diagnóstico de infecção generalizada chamada meningococemia¹⁶, e a sinopse do livro já anuncia o seu triunfo sobre a morte: “Pedro estava destinado à cadeira de rodas. Mas ele desafiou o destino e venceu!”¹⁷. Também são mencionadas situações que compõem atividades comuns e não comuns, tratadas como realizações: “Um jovem tetra-amputado que completou uma prova de triatlo de 5km com próteses; caminha sem cadeira de rodas, totalmente adaptado; dirige sem adaptações no veículo”. Nesse momento, percebo que a forma pela qual Pedro decidiu narrar suas experiências traumáticas apontam para uma individualização das responsabilidades¹⁸ do que podemos compreender por “condução” da sua vida:

[...] um garoto paulistano de classe média, que como tantos outros ainda não tinha definido a carreira a seguir, sofreu uma terrível fatalidade, aprendeu a encarar as consequências e se tornou um homem que supera suas dificuldades com determinação e trabalho duro (Pimenta, 2014:6).

É importante destacar que a questão da “vitória pessoal” ou o “vencedor” também são identificados no mundo do trabalho, em narrativas de vida dos jovens incentivados pela ideia de que o mérito do seu sucesso - e também do seu fracasso - são de inteira responsabilidade sua (Benevides 2019; Boltanski e Chiapello 2009). A vinculação da busca pela autonomia como tradução de uma busca por produtividade também pode ser compreendida a partir do ponto de vista weberiano, no qual o sucesso alcançado é resultado do cumprimento da vocação (Weber 2004, 2015). A busca pelo retorno do sujeito produtivo, disponível no corpo que não existe mais, apresenta-se como uma maneira em que os sujeitos se ressignificam como úteis e capazes, independentes e autônomos, já que se espera que a responsabilização do próprio destino seja uma conquista individual e que depende unicamente daquele que a conduz.

A perspectiva que evoca os sujeitos como os únicos responsáveis pelas suas trajetórias de vida, importada de uma perspectiva do sujeito “bem-sucedido”, imprime a racionalização dos sentimentos e a determinação de um autocontrole sobre aspectos que, na realidade, são fortuitas, mas que passam a ser compreendidas como obstáculos, restrições e dificuldades a serem superadas. A perspectiva da

15 Ver a pesquisa de Erika Magalhães (2012), que discute a concepção de “autonomia” a partir da crítica a uma *reificação* do conceito, preferindo tratar das conquistas construídas no dia a dia nas pequenas situações, transbordando a ideia de autonomia como sendo apenas sobre superação ou vitória pessoal.

16 Causada pela bactéria meningococo, muito conhecida por dar origem à meningite.

17 Disponível em: <http://leya.com.br/superar-e-viver/>.

18 Nos estudos de Castellano sobre a cultura da autoajuda, a autora discute a expansão do imaginário da “vitória”, identificando a literatura da autoajuda como uma das principais expressões culturais da ode ao sucesso. Com base em análise de diferentes obras literárias da área, ela afirma que a concepção da individualização das responsabilidades é construída para promover o maior nível de autonomia possível. “A ideia de que os indivíduos devem ser os únicos responsáveis pela condução de suas vidas aparece [nesses materiais] de forma bastante clara, e é enunciada inúmeras vezes.” (Castellano, 2014:109).

retomada do controle da situação é posta como argumento para incentivar os sujeitos que estão em situação de sofrimento a reagirem positivamente e continuarem suas vidas, sendo encorajados a escolher qual caminho a ser seguido daquele momento em diante. Não é à toa que a frase “a vida continua” é bastante mencionada pelos sujeitos que passaram a conviver com a experiência da deficiência, sobretudo nos momentos em que há uma reflexão sobre os momentos de sofrimento vivenciados, compreendendo que “o pior já passou”, ou ainda mais, que na verdade “o pior não aconteceu”.

Comiseração renegada: histórias de superação e a condição do vencedor

A busca pela autonomia, a partir de uma semântica presente no universo da autoajuda acentua a relação do sujeito como responsável pelo curso da sua trajetória, autor da sua história e de mérito individual (Rüdiger, 2010). A ideia sobre o suposto domínio dos acontecimentos da vida coaduna com impressões dogmáticas sobre o evento do acidente, atribuindo significados como castigo, culpa, predestinação, salvação divina (Giddens, 2002: 33). Ainda que seja identificado nesses discursos um forte apelo ao momento da superação, não raro as tristezas, as dores e o sofrimento que acompanham esse evento escapa nessas narrativas.

Interessante perceber que são nessas ocasiões percebidas como “dramáticas” que as redes de afetos e cuidado contribuem para que esse momento transitório de reinvenção de si e dos modos de existir seja considerado como exemplo a ser seguido, principalmente pelas pessoas sem deficiência, a fim de motivá-los em situações de dificuldade em suas vidas. A imagem de sobrevivente já é traduzida tanto pelos que foram diretamente atingidos pela ocasião, quanto por seus espectadores, legitimando uma representação de vitória e êxito, sendo reconhecidos por isso.

Nesse sentido, apesar do discurso predominante vincular as vitórias como resultado de decisões essencialmente individuais, é percebido que esses novos cotidianos são inventados à medida que os corpos reagem com possibilidades não apenas biológicas, mas, sobretudo, contextuais a partir de quem são enquanto sujeitos sociais. Não à toa que as carreiras construídas, após os acidentes, foram possíveis a partir de uma rede de condições objetivas, a exemplo da história de Pedro Pimenta, há pouco mencionada, quando conseguiu adquirir suas próteses nos Estados Unidos e se tornou um caso de sucesso para a empresa de produtos ortopédicos, ocupando um local de visibilidade para outras pessoas na mesma condição, e sendo convidado a compor o cargo de mentor para jovens amputados.

A perspectiva da autoajuda provoca em seu público a necessidade de mudança das atitudes, em que os sujeitos precisam aderir a novos comportamentos para poder transformar sua vida. No caso dos sujeitos que são acometidos abruptamente por essas mudanças, de forma trágica e dolorosa, é necessário reaprender como conviver com esse novo corpo. Márcio dedica um capítulo do seu livro intitulado “Empreendedorismo” e destaca que essa é a metodologia adequada para vivenciar e superar, de forma criativa, os percalços da vida após o acidente que o deixou tetraplégico. Neste capítulo, ele narra a época em que trabalhava com comunicação visual na empresa do então cunhado, aos 17 anos, contando sobre suas condutas tidas como irresponsáveis, até o momento em que decidiu entrar como sócio dessa mesma empresa e conquistar respeito e admiração dos funcionários, experiência que durou dois anos, até o ano do acidente, quando tinha 22 anos.

Márcio utiliza esse episódio de quando ainda não era tetraplégico para exemplificar que se descobriu um “empreendedor nato” por perceber a capacidade de encontrar soluções onde só se enxerga problemas (Vaz, 2016:125). A partir disso, ele teria reencontrado em si formas otimistas de solucionar seus problemas após “um demorado processo de aceitação” em que se via “acomodado” (Vaz, 2016:129-130). As oportunidades seriam bem aproveitadas, e, com isso, utilizadas para realizar novos projetos pessoais, como realizar palestras e ministrar cursos para empresas. Com grande timidez,

narra que ainda não se sentia pronto para falar em público, mas mesmo assim aceitou o convite, pois em sua concepção “nunca passaremos ilesos pela vida sem antes cometermos inúmeros erros ao arri-scar” (Vaz, 2016:135). Ele comenta ainda que

nascia, diante daquela plateia, um novo homem, que, ao ousar na vida, descobriu em si um inusitado talento e potencial, o qual, lapidado com o tempo, haveria de gerar grandes resultados. Mesmo longe da perfeição de quem detém o dom da oratória, eu trazia comigo alguns diferenciais, como carisma, humor e criatividade, os quais se propuseram à falta de eloquência, impositação de voz e ritmo de fala (2016:138).

Nessa mesma perspectiva, Pedro Pimenta carrega em sua autobiografia elementos semelhantes aos desenvolvidos na escrita de Márcio Vaz. Pude perceber o “surgimento de uma oportunidade” como crucial na sua trajetória, e o espaço designado a essas ocasiões na construção narrativa das suas experiências. Ele também foi convidado a narrar sua história para outras pessoas.

Penso no longo prazo: focalizo um objetivo, divido-o em pequenas metas e começo a trabalhá-las, uma por uma. Mantenho o foco no futuro enquanto trabalho no presente. Isso vale para a minha produção musical, a minha faculdade, o meu trabalho, os meus exercícios de fortalecimento da academia. Para não se deixar abalar pelas adversidades, é preciso ter foco (Pimenta, 2014:9).

A “persistência criativa” que Márcio comenta, e que é possível identificar também no discurso de Pedro, seria o elemento que garante “prosseguir na luta e vencer”. Independentemente do projeto, seria necessário partir de uma meta, com o objetivo de alcançá-la de forma inovadora. As situações de improviso seriam importantes, portanto, no sentido de incentivar as reações imediatas àquela circunstância, servindo de oportunidade para se reinventar. O “visionário”, que traz um perfil de liderança, seria aquele que encontra soluções eficazes em situações em que poucos conseguem percebê-las.

Assistindo uma de suas *lives* por meio de uma rede social, notei que, ao ser indagado sobre como lidava com o preconceito da sociedade, Pedro respondeu com um discurso bastante similar ao que ele propõe em sua narrativa escrita; comentou que, dada a sua condição corpórea e ser notado nas ruas, ele não estava necessariamente sendo visto com discriminação, mas quem sabe estivesse servindo de incentivo para motivar as pessoas, ao ver que alguém se esforça tanto para ter sua autonomia e realizar suas atividades do dia a dia, concluindo que o preconceito não se caracterizaria, portanto, no ato de ser percebido ou observado.

Nesse sentido, as histórias dos corpos que “venceram a morte” estavam à disposição para ocupar o lugar de inspiração, e não mais de estranhamento ao diferente. Ao tornar esse corpo inteligível a partir de um imaginário do sucesso, falar das conquistas pessoais era também uma maneira de se colocar além da “deficiência”. Nas conversas que tive com Freitas, por exemplo, ele enfatizava que sua vida era como um livro aberto, e que já tinha costume de falar da sua vida em público “para motivar outras pessoas”. Seu discurso, que também é uma versão dos “testemunhos” que dava nas igrejas, conta a lesão que adquiriu como objeto de mudança central na sua vida, e a oportunidade de “renascimento”.

Portanto, a busca por ressignificar as experiências traumáticas produzem narrativas que se alinham à expectativa de um corpo produtivo, apoiadas no distanciamento de condutas comiseradas, em troca de uma valorização da condição de deficiência como oportunidade de prosperar. A partir de uma cultura do sucesso, as novas corporeidades surgem desafiando os sujeitos a reorganizarem suas histórias de vida de forma que traduza suas experiências traumáticas diante do corpo que escapa e é transformado. As formas de vivenciar e descrever esse novo corpo é pautada em uma dinâmica individualista, que vincula e responsabiliza os sujeitos à sua sorte, que imersa em uma cultura capacitista e produtivista, busca torná-lo inteligível.

Considerações finais

Para quem sobrevive a um acidente que deixa marcas físicas, o corpo é lembrete constante da história de um trauma que modificou suas formas de existência e os modos de identificação com o mundo. A pesquisa permitiu acessar as estratégias de reinvenção do “eu” mediante ao evento crítico do acidente, que produziu transformação não apenas do corpo, mas das relações interpessoais e da autoimagem. As narrativas que apresentei neste trabalho se constroem a partir de gramáticas sociais compartilhadas culturalmente, que levam em conta um projeto reflexivo do “eu”, a partir do qual a construção de uma história de sucesso e vitória se torna um dispositivo de distinção, evidenciado por meio da ideia de “deficiência”. Marcador constantemente disputado e ressignificado, surge como um estigma, e, também, como algo positivamente extraordinário. A experiência do acidente é ressaltada como estopim para novas oportunidades de vida, chances de carreiras morais inspiradoras, seja por meio dos esportes ou do empreendedorismo da própria experiência, como nos casos que foram citados neste artigo.

Foi importante perceber que, na construção de uma narrativa de superação, o lugar do discurso da reabilitação também possui relevância no processo de “tornar-se deficiente”. Por entender a urgência dos interlocutores de serem aceitos como “pessoa” em um contexto de invisibilização das diferenças, e sobretudo a busca pela reconquista da autonomia e do domínio do novo corpo, percebi que algumas dessas histórias entregaram pontos de vista sobre os mecanismos de resistência desses sujeitos. Apesar dos esforços para desconstruir estereótipos em torno da deficiência, em que pesquisadores aprofundam as discussões sobre corporeidades e existências possíveis, a resiliência dos sujeitos que se tornaram, de repente, os “outros”, é fomentada por elementos que reforçam a ideia do corpo útil e produtivo, alternativa para uma vida pós acidente, na intenção de não se deixar debilitar pelas consequências do trauma.

Diante do exposto, a pesquisa mostrou que é possível compreender os desenhos das subjetividades modernas a partir de uma concepção individualizadora das experiências corpóreas, percebendo que a ideia de deficiência como um fenômeno social compartilha de forma ambígua uma gramática de imprevisibilidade e da repulsa, mas também de busca pela da autossuficiência, da superação e da vitória. As imagens produzidas no entorno da publicização desses eventos acabam servindo de espelho para sujeitos que sobrevivem aos seus “acidentes” e que precisam ressignificar suas tragédias. Os discursos coletivos em torno desse “corpo que não existe mais” produzem e são produzidos por um apelo à revelação do íntimo e seus desafios enquanto novas formas de existência; superar o luto e seguir com a ressignificação dos projetos da vida na busca pela individualização da “tragédia” é uma das estratégias de reinvenção do “eu” que parece refletir a busca pela vitória pessoal concernente aos valores de uma cultura que privilegia histórias de sucesso e corpos produtivos.

Referências:

ALLBRECHT, Gary L. e SELLMAN, Katherine D. e BURY, Michael. *Handbook of Disability Studies*. London, Sage, 2001.

BARBOSA, Livia e DINIZ, Debora e SANTOS, Wederson. Diversidade corporal e perícia médica: Novos contornos da deficiência para o benefício de prestação continuada. *Revista Textos & Contextos*. Porto Alegre, v.8, n. 2, Julho/Dezembro 2009, pp. 377–90.

BARNES, Colin. A legacy of oppression: a history of disability in western culture. In: BARTON, L. e OLIVER, M. (Orgs.) *Disability Studies: Past Present and Future*, Leeds, The Disability Press, 1997, pp. 3–24.

BENEVIDES, Márcio Renato Teixeira. A produção de si pelo trabalho: Estratégias, práticas e experiências juvenis. Tese de doutorado, Sociologia, UFC, 2019.

- BOLTANSKI, Lue e CHIAPELLO, Eve. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo, Martins Fontes, 2009.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.
- BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?* 2.ed, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016.
- CASTELLANO, Mayka. *Sobre vencedores e fracassados: A cultura da autoajuda e o imaginário do sucesso*. Tese de doutorado, Comunicação e Cultura, UFRJ, 2014.
- CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *Cruzamento: Raça e Gênero*, 2002, pp.7-16. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br>>. Acesso: 20 jan. 2018.
- DAS, Veena. *Critical Events: An anthropological perspective on contemporary India*. New Delhi, Oxford University Press, 1995.
- DAS, Veena. *Life and Words: Violence and the descent into the ordinary*. 4.ed. Berkeley, Los Angeles, London, University of California Press, 2007.
- DINIZ, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo, Brasiliense, 2007.
- DINIZ, Débora e BARBOSA, Livia e SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, Direitos Humanos e Justiça. *Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos* v.11, Dezembro 2010, pp. 65–78.
- GAVÉRIO, Marco Antônio. Medo de um planeta aleijado? Notas para possíveis aleijamentos da sexualidade. *Áskesis* v.4, n.1, Janeiro/Junho 2015, pp.103–17.
- GAVÉRIO, Marco Antônio. *Estranha atração: A criação de categorias científicas para explicar os desejos pela deficiência*. Dissertação de mestrado, Sociologia, UFSCar, 2017.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.
- HALL, Kim Q. *Feminist Disability Studies*. Bloomington and Indianapolis, Indiana University Press, 2011.
- KAFER, Alison. *Feminist, Queer, Crip*. Bloomington, Indiana University Press, 2013.
- KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: história de vida, suas possibilidades e limites. *Cadernos Pagu*, v. 3, 1994, pp.117–41.
- KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, Mercado das Letras, 2001.
- MAGALHÃES, Erika Barreto. *O Corpo Rebelado: Dependência física e autonomia em pessoas com paralisia cerebral*. Tese de doutorado, Educação, 2012.
- MALABOU, Catherine. *Ontologia do acidente: ensaio sobre a plasticidade destrutiva*. Florianópolis, Cultura e Barbárie, 2014.
- MCRUER, Robert. *Crip Theory: Cultural signs of queerness and disability*. New York, New York University Press, 2006.
- MELLO, Anahí Guedes de. *Por uma abordagem antropológica da deficiência: pessoa, corpo e subjetividade*. Trabalho de conclusão de curso, Ciências Sociais, UFSC, 2009.
- MELLO, Anahí Guedes de. A construção da pessoa na experiência da deficiência: corpo, gênero, sexualidade, subjetividade e saúde mental. In: MALUF, S.W e TORNQUIST, C. S. (Orgs.) *Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas*. Florianópolis, Santa Catarina, Letras Contemporâneas, 2010, pp. 133–91.
- OLIVER, Mike. *Social Work with Disabled People*. Basingstoke, Macmillan, 1983.
- PIMENTA, Pedro. *Superar é Viver: Pedro Pimenta*. Kindle Ed. São Paulo: LeYa, 2014.
- REIS, Eliana Tavares dos e BARREIRA, Irllys Alencar F. Alusões biográficas e trajetórias: entre esquemas analíticos e usos flexíveis. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, v. 86, n. 3, 2018, pp. 36–67.
- RICŒUR, Paul. *Tempo e Narrativa - Tomo III*. Campinas, Papirus, 1997.
- RICŒUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- RÜDIGER, Francisco. *Literatura de autoajuda e individualismo: contribuição ao estudo de uma categoria da cultura de massas*. 2.ed, Porto Alegre, Gattopardo, 2010.
- SHAKESPEARE, Tom e BARNES, Colin e MERCER, Geoffrey. *Exploring disability: a sociological introduction*. London, Cambridge, 1999.

SHAKESPEARE, Tom e GILLESPIE-SELLS, Kath e DAVIES, Dominic. *The sexual politics of disability: untold desires*. London e New York, Cassell, 1996.

VAZ, Márcio. *Minha boca, meu caminhar: transformando desafios em oportunidades*. 4. ed, Fortaleza, Universidade de Fortaleza, 2016.

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2013.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. 4.ed, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2015.

ZOLA, Irving Kenneth. Toward the necessary universalizing of a disability policy. *The Milbank Quarterly*, v.83, n.4, 1989, pp.1–27.

Recebido em: 27/07/2021

Aprovado em: 27/08/2021

Como citar este artigo:

BARROS, Eudenia Magalhães. Corpos que não existem mais: narrativas biográficas sobre as transformações do corpo e novas formas de vida. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 2, maio - agosto 2021, pp. 562-578.